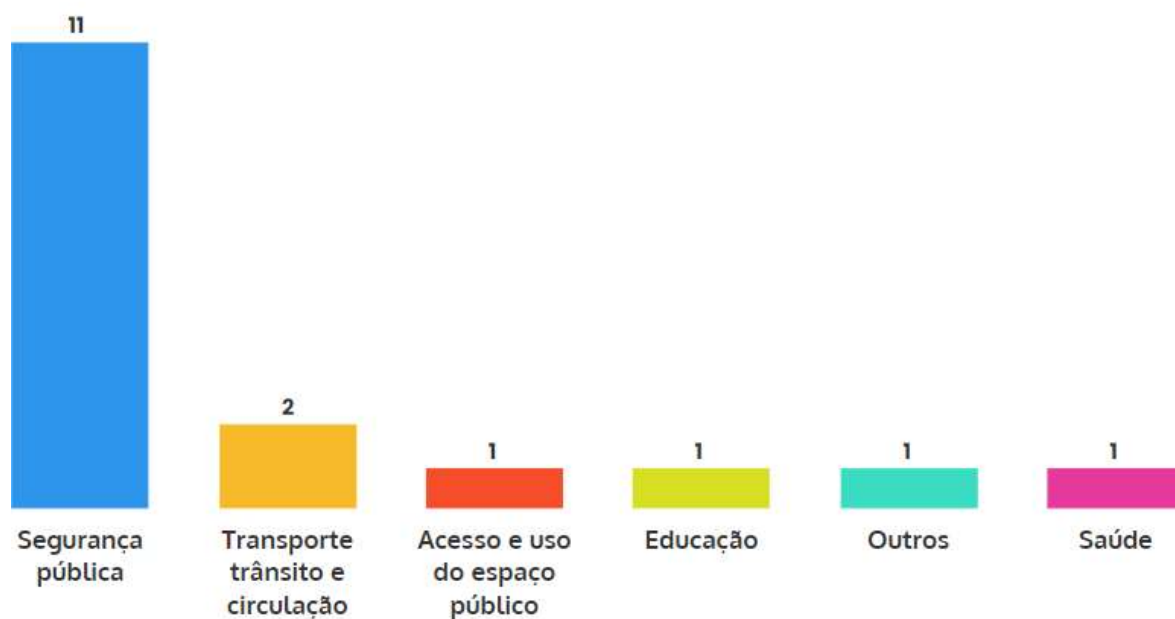


## BOLETIM

### Janeiro e Fevereiro de 2023

Com a entrada do ano de 2023 e a tensa posse do novo governo e parlamento além do Carnaval, a equipe do Observatório de Conflitos Urbanos na Cidade do Rio de Janeiro registrou dezessete conflitos nos dois primeiros meses do ano. Dando seguimento a tendência histórica registrada desde 1993, os conflitos de segurança pública se mantêm na dianteira frente a outras categorias de conflitos registrados no primeiro bimestre do ano. Além dos recorrentes casos de segurança pública, foi possível identificar registros de conflituosidades envolvendo transporte, trânsito e circulação, acesso e uso do espaço público, educação, saúde e a categoria “outros”.

#### Tipos de conflitos (jan-fev 2023)



Fonte: Observatório de Conflitos Urbanos na Cidade do Rio de Janeiro

Nos últimos tempos, um dos casos mais emblemáticos envolvendo os conflitos de segurança pública no Rio de Janeiro foi o assassinato do congolês Moïse Kabagambe, espancado até a morte por três homens no local onde trabalhava, no quiosque Tropicália, na Barra da Tijuca, Zona Oeste da capital fluminense. Familiares, parentes e movimentos sociais realizaram um ato lembrando um ano da morte do africano radicado no Rio de Janeiro.

Na Cidade de Deus, o catador Dierson Gomes da Silva (50 anos) foi morto por policiais militares durante uma operação realizada na favela. Supostamente, os agentes policiais teriam confundido um pedaço de madeira que Dierson carregava com um fuzil. A vítima, que apresentava deficiência intelectual, foi morto dentro do quintal de sua própria

casa, quando segurava um pedaço de madeira e usava uma bandana do 'anime Naruto'. No momento em que perceberam o falecimento de Dierson, os moradores realizaram uma manifestação quando o corpo da vítima era levado para o Instituto Médico Legal. Gritos por justiça ecoaram pelos becos de uma das mais emblemáticas favelas do Rio de Janeiro. Posteriormente, outro ato foi realizado no enterro de Dierson. A Polícia Militar reconheceu que os policiais se enganaram e informou que os policiais já foram identificados e tiveram as armas periciadas. Além disso, eles foram afastados do cargo que desempenhavam.

No centro do Rio de Janeiro, o guia de turismo Daniel Mascarenhas (31 anos) foi assassinado por duas mulheres na Praça da República. A vítima teria sofrido uma tentativa de assalto, sendo morto a facadas pelas criminosas que o abordaram usando uma motocicleta. Familiares e amigos de Daniel Mascarenhas realizaram um ato em prol da segurança pública na cidade do Rio de Janeiro em frente aos Arcos da Lapa.

Na favela da Rocinha, uma onda de feminicídios ocorreu envolvendo quatro casos que tiveram forte repercussão na comunidade. Expressando o descontentamento com a onda de violências em uma das mais famosas favelas do Brasil, foi realizado um ato na Biblioteca Parque da estrada da Gávea visando orientar as moradoras da Rocinha a prestar atenção nos sinais de violência, principalmente doméstica, e criar uma rede de apoio para essas mulheres.

A ONG Rio de Paz se manifestou contra a violência que tem levado a mortes, policiais e crianças nos tiroteios nas favelas. O ato foi realizado através da colocação de placas que levaram os nomes dos mortos, no memorial da instituição, localizado na Lagoa Rodrigo de Freitas, Zona Sul do Rio de Janeiro.

Manifestantes realizaram um ato pedindo por justiça pela morte de Lucas Azevedo Albino (18 anos) assassinado em 2018 na entrada do Complexo da Pedreira, em Costa Bastos. Segundo a mãe do jovem, Laura Ramos de Azevedo, a família estava se preparando para ir à praia e Lucas havia pegado um mototáxi para ir buscar a namorada, quando policiais do 41º BPM (Batalhão de Irajá) dispararam contra a moto, sendo Lucas alvejado por tiros.

A mãe da vítima acusou os policiais de terem assassinado o jovem dentro da viatura da Polícia Militar, visto que, uma testemunha contou que Lucas entrou andando na viatura para receber o socorro. Outra pessoa conseguiu fazer uma foto que mostra Lucas de pé atrás da viatura. Ele chegou ao Hospital Carlos Chagas, cerca de meia hora após ser baleado já morto, também com um tiro na cabeça.

Em julho de 2021, a Justiça aceitou a denúncia contra os PMs. O juiz Gustavo Gomes Kalil, da 4ª Vara Criminal, considerou haver provas de "materialidade delitiva", especialmente o laudo de necropsia feito no corpo de Lucas.

Ao pedir à Justiça que os policiais fossem responsabilizados pelo assassinato, o Ministério Público (MP) afirmou que "os denunciados, por meio de um conjunto de atos coordenados de execução, comissivos e omissivos, concorreram para a morte do jovem Lucas Azevedo Albino, cometendo contra ele o crime de homicídio duplamente qualificado, em atividade típica de grupo de extermínio".

Com a realização da primeira audiência de justiça, a mãe de Lucas, Laura Azevedo, acompanhada de familiares e outras mães que também perderam seus filhos por violência policial, se manifestaram contra as mortes causadas pelos agentes de segurança pública.

Em Manguinhos, o jovem Marlon Anderson Cândido (23 anos) foi baleado durante uma operação policial na favela conhecida como CCPL, e levado para o hospital Getúlio Vargas. Chegando lá, policiais militares indicaram que o mesmo havia trocado tiro com os agentes de segurança pública, e o colocaram sob custódia.

A família de Anderson contestou a versão policial, afirmando que o mesmo estava indo para o trabalho em uma distribuidora de bebidas da região, e que em meio a confusão do tiroteio, ele havia corrido para se abrigar, quando foi alvejado por policiais. A justiça do RJ decidiu que réu vai responder o processo de acusação de associação ao tráfico em liberdade. Com isso, familiares se manifestaram em prol da liberdade do jovem na porta da unidade prisional de Benfica, numa comemoração efusiva pela soltura de Anderson.

A vereadora Teresa Bergher aproveitou a plenária na Câmara Municipal para repudiar a ameaça de bomba na sede da OAB-RJ. A ameaça à sede da advocacia, que fica no prédio da Seccional, ocorreu via cartas anônimas encontradas no edifício. As atividades da OABRJ foram suspensas, o prédio foi evacuado e a polícia foi acionada para avaliar a suspeita de iminente detonação de uma bomba. Agentes da Polícia Civil inspecionaram o local e não encontraram nenhum artefato suspeito. A vereadora sugeriu que a Câmara Municipal se manifestasse enviando uma Moção de Repúdio ao evento em nome de todos os políticos da casa.

O transporte foi objeto de conflito em dois casos distintos. No primeiro, parentes e amigos realizaram uma manifestação no enterro do Bombeiro Gilson Castro (58 anos), atropelado em Copacabana por um ônibus durante as comemorações do ano novo. Por volta das 5h do primeiro dia do ano, o bombeiro estava tentando entrar em um ônibus para retornar para casa quando foi atropelado e arrastado pelo veículo após uma discussão com o motorista do coletivo. Segundo familiares, Gilson estava ajudando alguns passageiros a subir no ônibus quando foi atropelado e veio a óbito. Durante o velório realizado no

cemitério de Ricardo de Albuquerque, os familiares expuseram cartazes com pedidos de justiça pela morte do bombeiro.

Outro conflito sobre transporte foi o ato realizado em frente ao Palácio Guanabara contra a diminuição de embarcações e linhas que circulam pela Baía de Guanabara, sobretudo no trajeto relacionado a Ilha de Paquetá, que impactou moradores e turistas que frequentam a ilha. Segundo os mesmos, em alguns momentos usuários são obrigados a ficarem sem entrar e sair da ilha devido à redução sem aviso das embarcações. Além disso, os manifestantes cobraram do Governo do Estado esclarecimentos sobre o término da concessão da CCR Barcas, empresa responsável por realizar as viagens marítimas pelas estações na Baía de Guanabara.

Na saúde, o único registro de conflito foi o protesto realizado por médicos(as) residentes no Instituto Nacional de Câncer - INCA, que denunciaram através de uma carta as péssimas condições de trabalho na instituição. A unidade hospitalar, localizada na Praça Cruz Vermelha, no Centro do Rio de Janeiro, é uma das referências de tratamento de câncer no Brasil. O documento elaborado pelos residentes, evidencia a falta de diversos materiais médicos que atrasam o tratamento dos pacientes, o alto número de leitos fechados por falta de profissionais, além de alterações no tempo de recuperação dos pacientes.

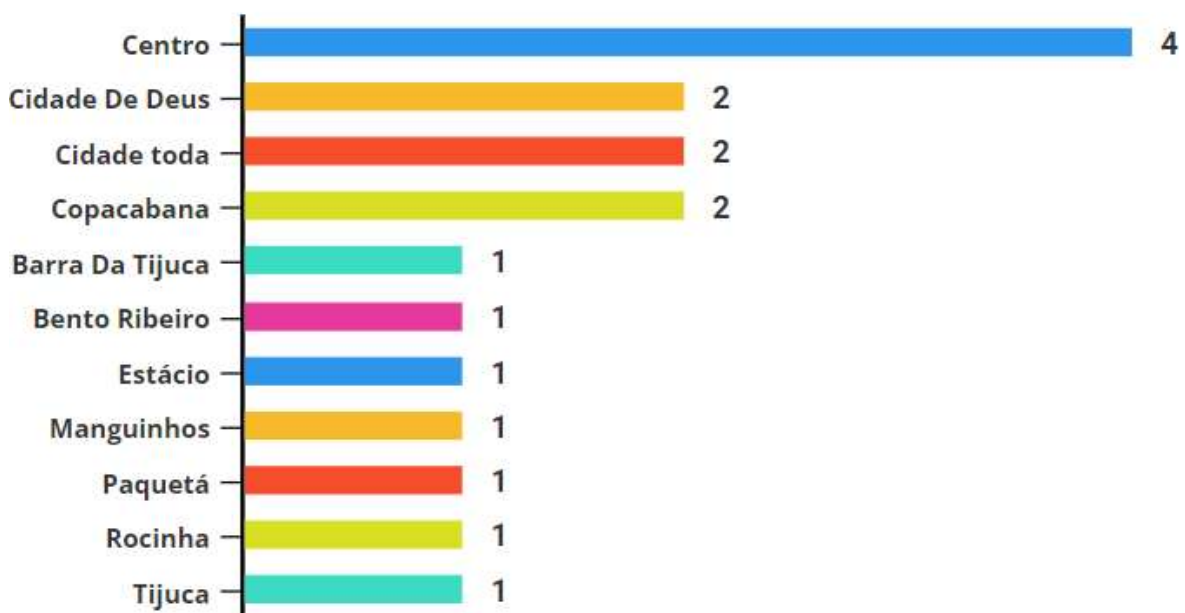
A educação apresentou apenas uma manifestação, realizada por mães de alunos matriculados em escolas públicas do Município do Rio de Janeiro que protestaram contra a falta de mediadores para crianças com deficiências. Diversos cartazes foram expostos com informações sobre os problemas que alunos especiais enfrentam quando entram no sistema público de ensino. Em uma das informações veiculadas pelas manifestantes, foi possível identificar a defasagem de profissionais educacionais direcionados para estudantes especiais, que informava a existência de 19.165 discentes com necessidade de acompanhamento específico, e apenas 1.125 mediadores para os mesmos. As mães criticaram o rodízio de profissionais, indicando que essa atitude atrapalha o processo de cognitivo dos(as) alunos(as), além da não existência de salas de recursos para atendimento desses(as) discentes. Segundo as manifestantes, no final de 2022, a Câmara Municipal do Rio de Janeiro aprovou uma emenda a Lei Orçamentaria garantindo recursos para a contratação de mediadores, porém, no início de 2023, a emenda foi vetada pelo prefeito Eduardo Paes.

Camelôs e ambulantes realizaram um protesto em frente ao Hotel Copacabana Palace, localizado na Avenida Atlântica, em Copacabana, na Zona Sul do Rio, pedindo paz e o fim da violência contra a classe. A ação foi comandada pelo Movimento Unido dos Camelôs (Muca) e pelo movimento Trabalhadores Sem Direitos. Os manifestantes levaram

instrumentos feitos com material de reciclagem e panfletos para a frente do Copacabana Palace.

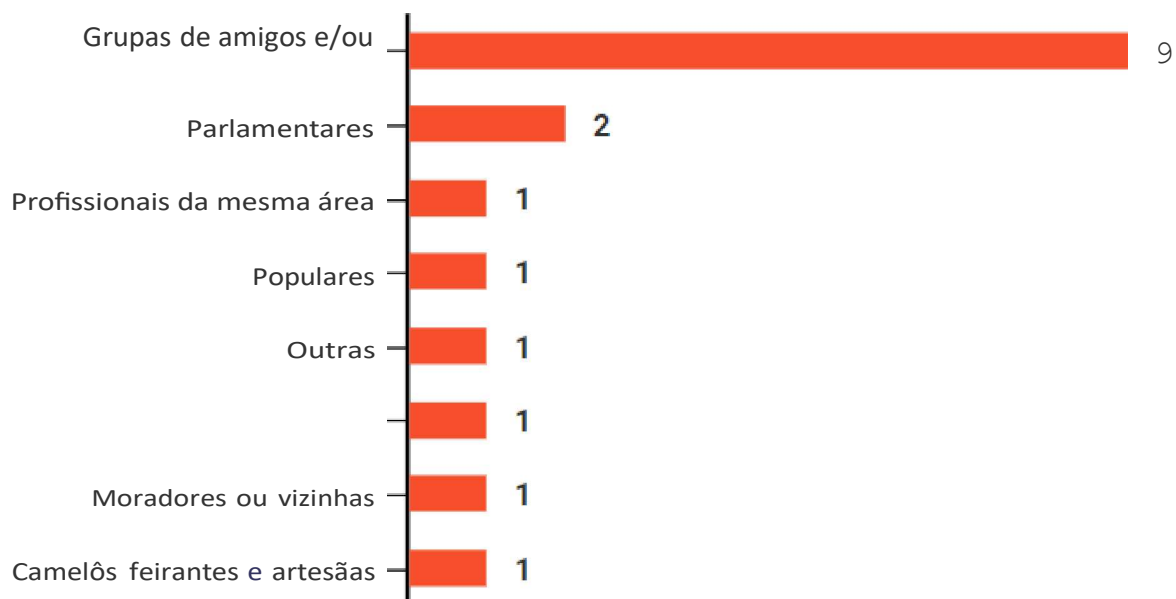
O protesto aconteceu em forma de bloco, levando o nome de **Blocato**. Segundo a organização, a ideia era abordar assuntos como direitos ao trabalho e a ocupação organizada dos espaços públicos. De acordo com Maria dos Camelôs, coordenadora dos dois movimentos, o trabalho realizado por ambulantes nas praias de Copacabana e Leme possibilitam dar sustento para suas famílias. Nas palavras da manifestante: “nós só queremos levar o sustento de nossas famílias para casa. O Brasil voltou ao mapa da fome. O poder público precisa nos respeitar e auxiliar, porque nós também giramos a economia do país. Nossos filhos precisam morar e comer. Camelô é trabalhador”. O protesto ocupou parte do canteiro da Avenida Atlântica e não provocou interdições no trânsito da região, segundo a Polícia Militar e o Centro de Operações Rio (COR).

### Conflitos por bairros (jan-fev 2023)



Fonte: Observatório de Conflitos Urbanos na Cidade do Rio de Janeiro

## Açentes mobilizados nos Conhitos (Jan-fev 2023)



Fonte: Observatório de Conflitos Urbanos na Cidade do Rio de Janeiro